



Programa de Intercâmbio em Cinema Brasil-Suécia

Edital de Chamamento nº 03/2017

Convocados para o Terceiro Momento

DIREÇÃO

Camila de Lima Sousa

Gabriel Alvim

Leandro Godinho Nery Gomes

Letícia Araújo Paiva

Lucas Fratini Albuquerque Gonçalves

Mariana França de Lima

Stefani Aparecida Alves Pedro

DIREÇÃO DE ARTE

Adriana Barreto Costa Pereira

Amanda de Moura Venturelli

Cássio José Lima Gouvêa Nogueira

Fernanda de Angelo

Renan Ramiro Pereira

Thaís Santana de Farias

Yasmin Abrahão Árabe

Conforme especificado pelo edital, os candidatos supracitados deverão elaborar os seguintes projetos, de acordo com a especialidade ao qual se inscreveram:

a) candidatos de Direção: apresentar uma proposta cinematográfica para o argumento (abaixo, em anexo) em termos de direção geral;



b) candidatos de Direção de Arte: apresentar uma proposta estética de direção de arte para o argumento (abaixo, em anexo).

Os arquivos dos projetos deverão ser enviados até o dia **3 de dezembro de 2017** para o e-mail intercambio@spescoladeteatro.org.br. Em caso de arquivos maiores do que 10 MB, os projetos deverão seguir por meio de WeTransfer, para o mesmo e-mail intercambio@spescoladeteatro.org.br.



ANEXO

Material para composição dos projetos

Premissa

Uma mulher no Brasil encontra um livro na Biblioteca Mário de Andrade, que conta a história de uma mulher na Suécia cuja vida é igualzinha à sua, colocando assim em dúvida se ela mesma é uma pessoa real ou apenas uma personagem de ficção.

Personagens

Brasil

Catarina tem 19 anos, e se muda para uma kitnete na República, no mesmo dia em que consegue um emprego como assistente na Biblioteca Mário de Andrade, no centro de São Paulo. Solitária, ela passa os dias entre o pequeno apartamento que divide com o gato, e o trabalho, para onde vai todos os dias com a ajuda de sua bicicleta, a Cecília. É dona de uma poderosa imaginação, e dá nomes a todos os seus pertences, para quem cria vidas independentes, como se todos fizessem parte de uma comunidade criada para lhe proteger e ajudar em seu dia a dia.

Rodrigo, 42 anos, terapeuta. É cético e profissional, mas sem deixar de ser sensível ao drama de seus pacientes. Por isso, quando ouve o relato de Catarina, não consegue dar diagnósticos conclusivos e prefere prestar atenção no que ela tem a dizer para entender a lógica de seu funcionamento psíquico ao invés de rotulá-la.

A garota de cabelos coloridos, 18 anos, é uma menina misteriosa a quem Catarina encontra algumas vezes no centro de São Paulo. Ao mesmo tempo em que as duas parecem se atrair uma pela outra, Catarina tem muito com o que lidar no momento, e a história delas parece ficar de lado durante todo o filme.

Maria Lúcia, 53 anos, é a chefe de Catarina quando ela passa a trabalhar na Biblioteca Mário de Andrade, no centro de São Paulo. Leitora assídua e especialista em literatura, tem certeza de que já viu de tudo nessa vida, e



aprendeu com os livros a nunca desconfiar do que parece ser impossível. Tem uma aparência enérgica, mas uma alma doce e atenciosa.

Suécia

K. é a personagem do conto "Dentro", escrito por uma autora sueca e lançado em 2016, com o qual Catarina tem contato sem querer enquanto trabalha na Biblioteca Mário de Andrade. A personagem, assim como Catarina, é uma solitária menina de 19 anos que trabalha em uma biblioteca em Estocolmo e está sempre imaginando vidas diferentes para as coisas que acontecem ao seu redor. O contato de K. com Catarina vai fazer com que esta comece a desconfiar que vive dentro de um romance.

Argumento

Catarina segura as chaves na mão, sente uma por uma das três chaves prateadas presas por um chaveiro de unicórnio. Levanta o olhar e percebemos que está parada na frente de um portão de um prédio antigo no centro de São Paulo. Usa uma das chaves para abrir o portão. Com a segunda, abre a porta de vidro do prédio. Sobe as escadas até o primeiro andar e usa a terceira para abrir a porta. Ela entra em uma kitnete pequena e quase vazia, com exceção de uma cama e um criado mudo. Em off, uma narradora onisciente acompanha seus principais movimentos, com uma voz poética, mas irônica; engraçada e ácida, mas doce. A voz descreve o jeito imaginativo como Catarina pensa, tentando sempre extrair uma camada poética do cotidiano, e, com sua marca registrada, dando nomes para todos os objetos que possui.

Em um clipe, vemos Catarina voltar ao apartamento algumas vezes com objetos diferentes de decoração, caixas com suas roupas e livros. Muitos, muitos, muitos livros. Ela pega um, é "Macbeth", de repente se empolga e se senta para ler, mas logo percebe quanto trabalho tem ao redor e retoma a arrumação. Ela tira fotos de alguns destes objetos, entra na internet e anuncia seus pertences em um grupo de escambo. A narradora conta que Persépolis, sua chapinha de cabelo, está com os dias contados, enquanto Tritão, o secador, deve ser poupado para viver mais um dia. Em seguida, vemos Catarina na porta de dois ou três apartamentos, trocando seus objetos pessoais (as roupas, a chapinha, nunca seus livros) por itens domésticos, como um liquidificador e um escorredor de macarrão. De volta a sua kitnete,



ela separa os objetos obtidos e os nomeia antes de guardá-los. Frida, a frigideira, é a última a encontrar seu lugar no armário. Catarina se vira para observar o apartamento e ele está mais parecido com um lar. Mas ela olha diretamente para uma almofada em um canto e parece ficar incomodada com alguma coisa.

Na próxima cena, é fim de tarde e Catarina chega ao Centro de Adoção de Animais que fica na rua General Jardim. Sai de lá com Bóris Iéltsin, o gato, que é ajeitado em cima da almofada antes vazia, e Catarina parece finalmente satisfeita com seu novo lar.

A noite cai sobre a cidade de São Paulo e Catarina se senta na cama com uma xícara de chá enquanto procura por vagas de emprego na internet. Manda alguns currículos e parece satisfeita com a busca.

É dia e Catarina deixa o apartamento a bordo de uma de suas melhores amigas, a bicicleta Caloi Ceci que ganhou o nome de Cecília. Ela pedala pelo centro da cidade vestindo uma camiseta da banda sueca Diablo Swing Orchestra, ao som da música "Knucklehugs", até chegar em um prédio na Avenida São Luís. Sua primeira entrevista de emprego do dia é com um dentista velho e surdo que não consegue entender uma palavra do que ela diz. A segunda é no Starbucks da Praça da República, e Catarina falha miseravelmente no teste prático: desenhar um coração com a espuma formada em cima do cappuccino. Na terceira, Catarina se surpreende com o prédio suntuoso em que ela para com Cecília: é a Biblioteca Mário de Andrade, ao lado do metrô Anhangabaú. Ela parece mais nervosa para essa entrevista, e abre um grande sorriso quando a entrevistadora, Maria Lúcia, pergunta se ela gosta de ler.

Ao final do dia, Catarina se senta para comer um sanduíche na Cachaçaria do Rancho, quando percebe que o entardecer sob um céu limpo está deixando a lua visível, mesmo bem no centro de São Paulo. Fica admirando a lua enquanto pensa que talvez ela também devesse ter um nome. Passa por sua mesa, correndo, uma garota de cabelos coloridos que chama a sua atenção e faz com que ela não consiga desviar o olhar. Catarina está encantada. Quando a garota nota sua presença, Catarina começa a ficar tonta. Respira fundo algumas vezes e, quando retoma a força, a garota já foi embora. Ainda se recuperando, ela sobe na Cecília e volta para casa. No apartamento, recebe



uma mensagem da Biblioteca Mário de Andrade perguntando se ela pode começar no dia seguinte.

Catarina está a postos, com o crachá da Biblioteca, na porta de entrada, ao lado da recepção, esperando sua primeira tarefa. E recebe como prêmio pela empolgação um carrinho com diversas pilhas de livros para serem devolvidos para suas prateleiras de origem. Está na sessão de literatura fantástica quando derruba uma pilha e uma das capas chama sua atenção. É uma garota com o cabelo muito parecido com o da menina por quem ela havia se encantado na noite anterior. O livro é da autora sueca Katherine K., e reúne diversos contos de literatura fantástica, segundo o que consta na contracapa. Separa o livro para ler depois e continua devolvendo o restante para seus lugares.

Na hora do seu intervalo, se senta em uma das mesas do pátio externo, fecha os olhos e abre a página aleatoriamente em um dos contos e começa a ler. O conto em questão se chama "Dentro", e as palavras são faladas pela voz da mesma narradora que acompanha as principais partes da história de Catarina desde o início do filme. O conto, escrito em forma de prosa poética, conta a história de uma menina chamada K., que tem o mar dentro de si, sem saber. Os primeiros parágrafos são um prólogo explicando que aquela é a história da garota-oceano. De como K., uma garota aparentemente normal, foi adquirindo, sem o menor aviso prévio, água do mar e certos tipos de plâncton no lugar de seus habituais órgãos e sangue nas veias. A narrativa então começa com o dia em que K. se muda para um apartamento muito pequeno no centro de Estocolmo - e é neste momento que passamos a ver a atriz que interpreta K. na Suécia, em um espelhamento com as cenas que já vimos no Brasil. Ela nomeia suas coisas, e troca roupas por uma frigideira, e começa a procurar emprego, e vai ao dentista, e pedala até o Starbucks, e Catarina fecha o livro completamente assustada. Ela percebe que a garota que está sendo descrita no livro tem uma vida igualzinha à sua. É como uma Catarina da Suécia, com poucos detalhes para diferenciá-las. Começa a suar frio, passar mal, até que, através do vidro da biblioteca, vê a garota de cabelos coloridos passando do outro lado da rua, já escura por conta da noite que chegou sem que Catarina percebesse, e entrando na Biblioteca. Catarina tenta disfarçar o suor e a tontura quando a menina se aproxima da sua mesa, mas não consegue. Ao invés disso, antes que a garota possa abrir a boca, Catarina se levanta, corre para fora da biblioteca e vomita na calçada, antes de conseguir pegar Cecília e ir embora.



Em casa, um pouco mais calma, abre novamente o livro, lê as primeiras duas frases, que mais uma vez coincidem com sua rotina e o fecha, com medo. Vai até o computador e pesquisa a autora na internet. Descobre que Katherine K. é uma espécie de Elena Ferrante, uma autora misteriosa, que nunca foi vista e não dá entrevistas, mas foi um sucesso de vendas na Suécia no último ano, e se esconde sob o pseudônimo, sem que a editora jamais revele sua identidade verdadeira.

Na cena seguinte, Catarina está na terapia. Ela descreve a situação para Rodrigo, que claramente suspeita de esquizofrenia ou de um surto psicótico por conta da paranoia. Até que ela o convence a ajudá-la perguntando o que ele faria no lugar dela se ela realmente fosse um personagem de um conto. "Por favor, imagine", ela pede. Ele diz que, se isso pudesse ser verdade, ele leria o conto até o final para saber o que acontece, ao que ela responde que é isso que está dando medo pra ela, saber o que vai acontecer na sua vida antes que ela aconteça. "Se você pudesse descobrir tudo o que vai acontecer na sua vida antes de viver estes acontecimentos, não perderia a graça? Não seria como se alguém estivesse te dando spoilers da sua própria vida? E se o fato de você saber o que vai acontecer acabasse mudando como você se sente com relação a tudo? E se saber mudasse as coisas?"

Com o livro na mochila e bastante pensativa, Catarina pedala Cecília até a Biblioteca para o início do seu turno. O livro fica observando a garota a manhã inteira, pedindo para ser lido, ao que ela resiste bravamente. Assim que o relógio, Otávio, bate 18 horas, ela corre do trabalho para casa, e abre o livro novamente. Os próximos parágrafos descrevem como K., completamente alheia a sua condição de garota que está se transformando aos poucos em um oceano, continua sua vida normalmente, e inclusive consegue um emprego de ajudante em uma biblioteca de Estocolmo. Até que, um dia, sem nenhum aviso prévio, ela começa a se sentir mal, com episódios de tontura e suores que, aos poucos, vão se transformando em sérios casos de enjoo e ânsia de vômito. Catarina fecha o livro com violência.

Na cena seguinte, Catarina está no gabinete de Maria Lúcia, sua chefe na Biblioteca, explicando a história que está lhe acontecendo. Pede desculpas pela urgência, mas diz que não conseguiu pensar em mais ninguém, e teve medo de ir a seu terapeuta mais uma vez. As duas conversam sobre o caso, e esta leva tudo muito a sério, como se fosse perfeitamente possível que Catarina fosse mesmo uma personagem em um processo de autodescoberta,



chegando a mencionar inclusive que este não era o primeiro caso como esse que ela via em sua carreira. Elas discutem a técnica literária de Katherine K, e os significados de suas escolhas, como o narrador onisciente e a prosa poética. No final, Maria Lúcia conclui que a literatura fantástica sempre opera por metáforas potentes da realidade, e o que quer que a aguarde, Catarina pode ficar tranquila, ela não vai se transformar em um oceano. A não ser que estivéssemos falando de Kafka. "Eu não duvido de nada vindo dele." Mas alerta Catarina que metáforas têm graus de intensidade e uma ligação simbólica com seu objeto real. Logo, o que quer que esteja aguardando a garota, vai ter a força transformadora do mar.

Catarina continua cumprindo seu expediente na Biblioteca, com uma angústia que se estampa cada vez mais em seu rosto. Ao final do dia, a garota de cabelos coloridos está esperando por Catarina do lado de fora da biblioteca. E, assim que a vê, Catarina se sente nauseada na mesma hora, pega Cecília e volta para casa, onde só consegue se acalmar depois fechar todas as cortinas e tomar uma xícara de chá. É quando se senta e resolve ler toda a história. Vemos a garota na cama, depois no chão, no banheiro, sempre com o livro na mão. Até que o fecha, muito assustada e confusa, e então passamos a ver a história que ela acaba de ler, se passando com K. na Suécia.

A narradora de "Dentro" explica que K. passou a ficar mais e mais doente sem saber o que estava acontecendo até que começou a perceber que seus sintomas só apareciam à noite, e sempre que ela estava perto de janelas ou ao ar livre. O que acontecia com K. era uma aplicação básica de um dos fenômenos naturais mais fascinantes do planeta. K., agora completamente tomada por dentro de água salgada e plânctons, havia completado sua transformação em garota-oceano, o que a havia deixado vulnerável à influência da lua, como uma espécie de alergia. Ela estava sofrendo de enjoos por conta dos movimentos das marés, que iam e voltavam, subiam e desciam dentro de si. Ao final do conto, K. precisa tomar uma decisão: enclausurar-se em seu apartamento com seu gato Bóris e todas as suas coisas, nomeadas para que ela não se sentisse tão sozinha, ou enfrentar o mundo lá fora, mesmo sabendo que ele é só transformação, e que isso a embrulharia o estômago todas as noites. A autora, Katherine, não escolhe por ela, e encerra o conto dizendo que, enquanto K. não se decide, ela vive e não vive ao mesmo tempo.



Voltamos a Catarina, que está deitada em sua cama, com o olhar vazio. De onde ela está, é possível ver apenas a silhueta da lua do lado de fora da janela, iluminando a noite.

No dia seguinte, Catarina passa o dia completamente distraída na Biblioteca, sem conseguir trabalhar direito. Está chegando em casa à noite após o trabalho, se sentindo novamente enjoada, quando sente a presença de alguém atrás dela. É a garota de cabelos coloridos. Ela se aproxima de Catarina e abre um sorriso. Entrega para ela um CD, da banda Diablo Swing Orchestra. "Você estava com essa camiseta outro dia, e eu também amo essa banda. Eu achei que você parecia o tipo de garota que gostaria de ganhar um CD mesmo hoje em dia." O enjoo de Catarina aumenta consideravelmente. Ela está nervosa, muito nervosa. Mas respira fundo, toma coragem, e chama a garota de cabelos coloridos para entrar em sua casa. Elas se sentam na cama de Catarina. Ela faz um chá para as duas. Elas colocam o CD para tocar, ouvem Justice For Saint Mary. Até que, de maneira quase inocente, trocam um beijo. A garota responde: "Ah, meu nome é Lua". "Lua?", pergunta Catarina, muito assustada. "É", responde a garota. "Luana". Os créditos entram ao som de uma terceira música da mesma banda, "It's voodoo, mon amour!".